

## FORMAÇÃO vs REALIDADE: DESAFIOS PARA VALORIZAÇÃO DOCENTE

Ana Carolina Mendes Paiva <sup>1</sup>

Nathaniel Holanda Nunes <sup>2</sup>

Mateus Holanda de Queiroz <sup>3</sup>

### RESUMO

Discutir a formação de professores e os desafios vivenciados no cotidiano escolar revela-se de grande importância, pois também nos convida a refletir sobre a valorização da profissão docente no contexto brasileiro. Nesse entendimento, este artigo tem como objetivo compreender as tensões entre a formação docente e a realidade vivida nas escolas, destacando os desafios que comprometem a valorização da profissão e as divergências entre o que é proposto nos cursos de licenciatura e o cotidiano da prática pedagógica. Partindo de uma abordagem qualitativa e do uso da metodologia narrativa, a pesquisa foi conduzida com base em uma entrevista realizada com um professor experiente que atua tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. O referencial teórico está ancorado em autores como Saviani (2008), Nóvoa (1999), Pimenta (1999), Imbernón (2000) e Tardif (2002), que discutem as lacunas entre teoria e prática na formação docente, bem como os aspectos históricos e simbólicos da profissão. Os resultados apontam para uma formação inicial mais teórica e desconectada do cotidiano escolar, o que dificulta a preparação dos professores para os desafios reais da prática pedagógica. A formação continuada, apesar de representar uma possibilidade de atualização, muitas vezes repete os mesmos vícios da formação inicial, mantendo o distanciamento entre o ensino acadêmico e as necessidades da escola pública. O professor entrevistado destaca que a valorização docente depende de condições materiais dignas, de política salarial justa e reconhecimento institucional e social. Por fim, o trabalho conclui que a superação dessas tensões requer uma mudança estrutural e ideológica, com políticas públicas que promovam uma formação mais conectada com a realidade escolar e que garantam a valorização efetiva da docência. O estudo contribui para o debate sobre os caminhos possíveis para aproximar formação e prática, destacando a urgência de repensar o modelo formativo e os mecanismos de reconhecimento profissional.

**Palavras-chave:** Formação docente, Valorização profissional, Prática escolar, práxis, Educação pública.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Pau dos Ferros – CAPF, [anacarolina20042005@hotmail.com](mailto:anacarolina20042005@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Pau dos Ferros – CAPF, [nathanielholanda21@gmail.com](mailto:nathanielholanda21@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduado em Pedagogia – UERN, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Pau dos Ferros – CAPF, Bolsista pela fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, [mateusholanda@alu.uern.br](mailto:mateusholanda@alu.uern.br).





Quando falamos sobre a formação de professores e a realidade que eles enfrentam no cotidiano escolar em sala de aula, percebemos que é um assunto extremamente relevante, pois é também um convite para refletir sobre a valorização da docência no Brasil. Como se sabe, a profissão docente, mesmo sendo de suma importância para o desenvolvimento de uma sociedade, é historicamente marcada por processos de desvalorização, precarização e invisibilidade social. É verídico que muitos entram na carreira docente movidos pelo desejo de transformação e de fazer a diferença, mas, acabam se deparando com uma realidade escolar que pouco se é falado e estudado durante sua formação, principalmente inicial. A indisciplina dos alunos, por exemplo, é tratada na teoria como algo que pode ser resolvido com estratégias de diálogo, regras e respeito mútuo, mas, na prática, muitos professores enfrentam salas cheias, com dezenas de alunos desmotivados, interrupções constantes e pouca autonomia para agir. Outro ponto também desafiador é a diversidade e a inclusão. Na formação inicial, fala-se sobre a importância de incluir todos, mas raramente se ensina como desenvolver as atividades para alunos com deficiência, autismo ou transtornos e dificuldades de aprendizagem. O que, na realidade escolar, exige preparo prático, principalmente porque o professor por vezes se sente sozinho, tentando fazer o melhor mesmo com a realidade cotidiana.

Como já posto, a história da docência no Brasil tem início com a chegada dos jesuítas, e durante muito tempo era uma tarefa secundária exercida principalmente pelos religiosos, que não precisavam ter uma formação específica. Como destaca Caldas (2021) e Nóvoa (1999), o processo de profissionalização da docência foi lento, desigual e marcado por contradições. A função do professor, ao longo dos anos, esteve ligada à moral religiosa e à obediência, com o ensino voltado a catequização, sendo apenas posteriormente apropriada pelo Estado, que manteve-se nos mesmos modelos anteriores de educação, como aponta Nóvoa (1999) ao comparar o perfil do docente ao do padre, apesar da estatização do ensino.

Mesmo com alguns avanços legais e de regras, como a LDB e a criação da Política Nacional de Formação de Professores de 2009, ainda, é claro, que existe um grande distanciamento entre o que é ensinado nos cursos de formação e o que eles vivem no dia a dia das escolas. Estudos, como os feitos por Gatti e Barreto (2009) em “Professores do Brasil: impasses e desafios”, mostram que essa formação inicial por vezes não ajuda o bastante os professores para enfrentar os desafios reais que são constantemente presenciados nas escolas.

Diante disso, surgem algumas inquietações que foram os principais motivos para construção desse trabalho, tais como: *como será que a formação inicial prepara de fato os*





*professores para os desafios da prática docente? E a formação continuada, como será que consegue dar conta das constantes transformações da realidade escolar e ainda contribuir de alguma maneira para a valorização docente?* Essas são só algumas perguntas que deixam claro a necessidade de repensar as articulações já existentes entre a formação inicial que há nas instituições e, posteriormente, a atuação profissional dos educadores.

Na busca por dialogar com essas indagações, esse presente trabalho tem como **objetivo geral** compreender as tensões entre a formação docente e a realidade vivida nas escolas, destacando os desafios que comprometem a valorização da profissão e as divergências entre o que é proposto nos cursos de licenciatura e o cotidiano da prática pedagógica. E os **objetivos específicos** i) entender o processo de formação inicial e sua ligação com o trabalho e a valorização docente; ii) analisar as contradições que existe entre a formação teórica e a realidade do cotidiano escolar; e iii) refletir sobre os desafios que ainda impedem o reconhecimento e a valorização da profissão docente.

Para dialogar com a pesquisa, o trabalho utiliza como referencial teórico autores que suas discussões são de suma importância, como Dermeval Saviani (2008), cujo trabalho tem foco na pedagogia histórico-crítica, que entende a escola como um espaço de luta política e transformação social na obra “Escola e Democracia”, além de Caldas (2021) e Nóvoa (1999) que resgatam em seus trabalhos o percurso histórico da docência. Com isso, pretende-se contribuir para o debate sobre quais caminhos podem ser possíveis para superar essa distância que existe entre a formação e a realidade e, pensar na construção de uma educação pública que seja de fato mais justa, além de buscar construir uma profissão docente que seja mais reconhecida e valorizada.

## METODOLOGIA

Este trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa que, segundo Gil (2002) no livro “*Como elaborar projetos de pesquisa*”, é uma forma de compreender a dinâmica dos processos sociais, analisando os significados, crenças, valores e motivações dos indivíduos. E tem como base a metodologia narrativa que nas discussões de Caldas (2021), é uma das melhores formas de compreender as experiências a partir da subjetividade dos sujeitos, valorizando suas memórias e histórias de vida.

A proposta é ter um olhar acerca da formação e a valorização docente a partir da experiência de vida de um professor. Para isso, foi realizada uma entrevista, onde segundo Richardson (2012), no livro “*Metodologia de Pesquisa Social*”, apresenta que é uma das





principais técnicas de coleta de dados nas ciências sociais, especialmente na abordagem qualitativa, como instrumento de construção de dados. Nessa entrevista, o participante teve a oportunidade de compartilhar um pouco de sua trajetória e experiências, guiado por algumas perguntas sobre o tema “formação vs realidade: desafios na valorização docente” tendo como foco a formação inicial, a formação continuada, a prática em sala de aula e a valorização da profissão.

O colaborador é um professor que tem muita experiência em sala de aula, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. Ele possui uma formação continuada, sendo Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Através de suas respostas, buscamos compreender como sua formação influenciou sua prática docente, além de tentar entender os desafios e as tensões que ele enfrentou e enfrenta no cotidiano escolar em relação a valorização docente. O colaborador assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), permitindo sua participação e a utilização de suas falas, contudo, seu nome não será exposto, sendo então utilizado o pseudônimo **Horizonte** para se referenciar ao professor.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre a distância que existe entre a formação inicial dos professores e a realidade escolar é bastante trabalhada por estudiosos da educação. Como por exemplo, Imbernón (2000, p. 07) na obra “**formação docente e profissional: armar-se para a mudança e a incerteza**” diz que “[...] a profissão docente deve abandonar a concepção predominante no século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico [...] e que se tomou inteiramente obsoleta para a educação dos futuros cidadãos”. Essa discussão mostra a necessidade de uma formação que seja mais conectada com a prática e com a complexidade existente no cotidiano escolar.

Outro exemplo que podemos citar é de Pimenta (1999) no livro “**Saberes pedagógicos e atividade docente**” no qual ela afirma que os cursos de licenciatura constroem currículos distantes da prática, o que compromete a formação de uma identidade profissional sólida: “[...] os cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágios distanciados da realidade das escolas [...], pouco têm contribuído para gerar uma nova identidade do profissional docente” (Pimenta, 1999, p.16). A partir disso, entende-se que essa falta existente entre teoria e prática é central nas dificuldades enfrentadas





pelos professores no início de sua carreira. Imbernón (2000) também reforça essa visão de Pimenta ao afirmar que, "[...] para que seja significativa e útil, a formação precisa ter um alto componente de adaptabilidade à realidade diferente do professor" (Imbernón, 2000, p.17). Com isso é possível entender que a formação deve partir das situações reais vividas nas escolas e não de modelos idealizados e generalizantes.

Ainda nesse sentido, Tardif (2002), contribui ao defender que o saber do professor é plural, ou seja, é formado por conhecimentos disciplinares, curriculares, da formação profissional e, principalmente, pelos saberes experienciais, construídos e validados durante a prática. Por esse motivo, para ele, compreender e valorizar esses saberes significa reconhecer que a formação docente não pode ser limitada apenas a conteúdos teóricos ou prescrições técnicas, mas precisa dialogar com as situações concretas do trabalho e com a experiência acumulada ao longo de toda a carreira, pois é justamente nesse encontro que se constrói a verdadeira competência profissional.

Ainda nesse sentido, Gatti e Barreto (2009), explicam que essa falta de conexão entre o que se ensina nos cursos de formação e o que se vivencia nas escolas é um dos principais obstáculos enfrentados pelos professores em início de carreira. As autoras explicam que a formação dos professores não é algo simples, pois envolve não só o aprendizado inicial, mas também sua carreira e o que eles esperam para o futuro. Destacando que existem muitos fatores que se misturam e influenciam esse processo, o que torna a questão complexa e exige uma análise cuidadosa para entender todos os desafios envolvidos

Além disso, a visão histórica também é importante para entender os desafios que os professores enfrentam hoje. Nóvoa (1999) na sua obra “**Profissão Professor**” observa que o processo de profissionalização docente foi lento e contraditório, e que manteve por muito tempo a ideia de uma educação controlada pela religião. Ele afirma nessa obra que “[...] o modelo do professor continua muito próximo do modelo do padre, apesar da estatização do ensino” (Nóvoa, 1999, p.15). Isso nos ajuda a entender como as raízes culturais e simbólicas da docência ainda influenciam a visão romantizada da profissão, que muitas vezes está distante da realidade prática vivida nas escolas. Assim, como reforça Caldas (2021), para entender os desafios e dilemas que ainda fazem parte da profissão docente, é importante conhecer sua história, as lutas, os embates e as conquistas que a marcaram ao longo do tempo, pois tudo isso ajuda a compreender melhor a realidade vivida hoje pelos professores.

Pimenta (1999) reforça em sua discussão que a construção da identidade docente está diretamente ligada à experiência e ao confronto entre teoria e prática: “[...]espera-se [...] que (o futuro professor) desenvolva a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir







dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazer docentes" (Pimenta, 1999, p.18). Essa ideia mostra mais uma vez que, por vezes, a formação dos professores é muito focada na teoria e pouco conectada com os desafios reais do cotidiano escolar.

Além disso, a formação continuada é outro ponto extremamente importante debatido pelos autores. Imbernón (2000) afirma que "A formação assume um papel que vai além do ensino que pretende uma mera atualização científica [...] e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e com a incerteza" (Imbernón, 2000, p.18). Essa discussão mostra que a formação docente precisa ir além da teoria. Ela deve criar oportunidades reais de reflexão e troca entre os professores, ajudando de fato aos docentes a se prepararem melhor para os desafios imprevisíveis do cotidiano escolar.

No que diz respeito à valorização de professores (as), Nóvoa (1999) explica que a profissão docente, mesmo tendo conquistado um certo reconhecimento ao longo do tempo, ainda carrega uma certa instabilidade no status social, o que de certo modo contribui para seu enfraquecimento simbólico. Ele afirma que "A indefinição do estatuto e o relativo isolamento social dos professores provocam um reforço da solidariedade interna ao corpo docente" (Nóvoa, 1999, p.19) o que por outro lado, entendemos que isso fortalece a união entre eles e a vontade de lutar por melhores condições de trabalho. Para Saviani (2008), no livro **"Escola e Democracia"**, a formação dos professores só vai ser realmente valorizada quando começar a ser pensada a partir da realidade em que a escola está inserida, e não como se fosse algo neutro ou separado da sociedade. Ele menciona que a escola faz parte de uma sociedade marcada por desigualdades e disputas de interesses, e que isso não pode ser ignorado. Como ele discute, "[...] a escola é determinada socialmente [...] e sofre a determinação do conflito de interesses que caracteriza a sociedade" (Saviani, 2008, p. 25). Por isso, valorizar a profissão docente significa também reconhecer que o professor tem um papel importante na transformação dessa realidade, principalmente quando ele atua ao lado das classes mais desfavorecidas. Dessa maneira, a valorização docente, como é apontado por Pimenta (1999), não pode ser desvinculada das condições materiais e simbólicas de trabalho. A autora defende que a prática docente só pode ser transformada com base em políticas de formação que considerem a complexidade da sala de aula e valorizem os saberes da experiência como centrais na formação profissional.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO





Com base nas respostas do professor entrevistado, aqui identificado como **Horizonte**, percebemos um relato profundo, marcado pelas tensões entre formação docente e realidade escolar, que de fato evidenciam os desafios históricos na valorização da profissão. Sua narrativa permitiu identificar pontos cruciais do percurso formativo, profissional e ideológico que revelam obstáculos reais enfrentados no cotidiano dos professores. Quando questionado sobre como foi sua formação inicial e se acreditava que ela havia o preparado adequadamente para a prática docente, ele respondeu: *"A minha formação inicial foi pautada boa parte de sua carga horária em questões teóricas e uma quantidade pequena para contexto de prática, mesmo que tenhamos os estágios, hoje em sala de aula, percebo que aqueles debates teóricos deveriam ter mais correlação com a prática da educação básica."* (Horizonte, 2025). Esse relato só mostra algo que muitos estudiosos da educação, como Pimenta, Tardif, Imbernón, Gatti e entre outros, já vêm apontando em seus postulados, a saber, a falta de conexão entre o que se aprende na teoria e o que se vive de fato na prática da sala de aula.

Imbernón (2000) aponta que a formação de professores não pode se limitar a uma preparação técnica e teórica descolada da realidade escolar, pois poderá formar profissionais despreparados para lidar com a complexidade do ensino nas escolas. Pimenta (1999) compartilha do mesmo pensamento ao afirmar que os cursos de licenciatura, muitas vezes, constroem currículos burocráticos e que são distantes da prática pedagógica real, o que acaba dificultando uma formação que seja crítica e reflexiva na qual integre os saberes acadêmicos com os saberes da experiência. Esse distanciamento entre formação e realidade se aprofunda ainda mais quando o professor diz que: *"[...]o curso não me preparou para uma sequência curricular do que ensinar e aprender em cada etapa da educação básica; transposição didática, vejo até hoje que a transição dos conteúdos para conectá-los com a vida dos estudantes, bem como fazer sentido, eu percebi apenas no contexto da prática e, principalmente, o papel do professor em contextos da educação básica"* (Horizonte, 2025). Aqui, fica claro o que Tardif (2002) descreve como os "saberes da experiência", aqueles que só se estabelecem no exercício cotidiano da docência e que, por vezes, não são incluídos na formação inicial.

Essa formação fragmentada já mostra seus efeitos logo que o professor entra na profissão, percebemos isso quando perguntado sobre os principais desafios que enfrentou no início da carreira. O colaborador relata: *"Confesso que meu maior desafio foi fazer sentido o conhecimento sociológico e filosófico na vida dos estudantes, por vim de um curso onde maior parte da sua formação foi aprender as teorias sociais e, não majoritariamente, em*





como fazer essas teorias presentes na vida da juventude, esse exercício para mim foi o mais difícil, voltando ao mesmo dilema, **"distanciamento universidade x escola"** (Horizonte, 2025).

É possível que essa sensação de não estar preparado para a realidade da escola é o que diversos autores, como Saviani (2008), entendem como um dos efeitos negativos da pedagogia desconectada da realidade social dos estudantes, o que só reforça a necessidade de uma formação que seja crítica e voltada para a realidade das escolas públicas.

Em relação a continuidade da profissão, o professor entrevistado menciona o seguinte: *"A minha formação continuada seguiu os mesmos vícios da formação inicial, distanciamento entre teoria e prática. Todavia, como esse dilema epistemológico e profissional eu já carregava/carrego, buscar pesquisar e estudar esse processo e, na condição de pesquisador, facilitou minha vida profissional. Vale ressaltar que, se meu objeto de estudo não fosse a educação básica, a minha formação continuada não teria ajudado em absolutamente nada no que diz respeito à atuação profissional na educação básica, principalmente o meu doutoramento em Ciências Sociais"* (Horizonte, 2025). A partir disso é possível compreender como mesmo a formação estando em constante desenvolvimento, pode acabar reproduzindo os vícios de uma lógica acadêmica que é afastada do chão da realidade escolar, e como, muitas vezes, o próprio professor tem que buscar estratégias para mediar essa distância para conseguir trabalhar da melhor forma e de maneira significativa.

Os desafios materiais e simbólicos enfrentados no cotidiano escolar também são elementos centrais da desvalorização docente e o professor entrevistado deixa isso claro ao dizer que: *"[...] salas de aulas cheias, sucateamento das escolas, diversas responsabilidades de outros profissionais colocadas para nós professores, suporte pedagógico romântico e não realista e, o mais desafiador, o desencantamento dos sujeitos pelo processo de ensino"* (Horizonte, 2025). Essas condições mostram o cenário de precarização que afeta diretamente a saúde mental e a eficácia do trabalho docente, como é apontando pelo estudo de Gatti e Barreto (2009), quando elas abordam que a valorização docente só será possível com políticas públicas efetivas que melhorem as condições de trabalho e os recursos disponíveis.

No desenvolvimento da entrevista, o momento que podemos considerar mais profundo é quando o professor relata sobre o que acha da valorização docente. Ele diz que: *"A valorização docente é, sobretudo, SALÁRIO. Não podemos pensar em ensinar por amor enquanto não temos plano de cargos, carreira e remuneração, não podemos romantizar o ensino precário sem piso na carreira. Primeiro resolvemos a questão salarial, depois pensamos no processo de ensino [...]. A valorização docente precisa, antes de tudo, ser de CAPITAL FINANCEIRO"* (Horizonte, 2025). Foi perceptível em seu tom de voz e suas







expressões faciais o quanto essa opinião sobre a valorização é vista como urgente em seu ponto de vista. Essa ideia quebra aquela visão idealizada da docência como só uma missão de vocação e deixa evidente que ser professor é uma profissão, com direitos e deveres, que precisam de reconhecimento oficial e apoio concreto, como destaca Nóvoa (1999) em suas discussões.

Por fim, ao refletir sobre se a sociedade reconhece a importância do trabalho docente e que mudanças ele acredita que seriam necessárias para melhorar a valorização do professor no Brasil, o colaborador afirma que a sociedade não reconhece a importância da profissão e que a mudança é ideológica: “[...] não, ela não reconhece. A mudança é ideológica, estou falando de mudança de sentido, enquanto a sociedade não perceber o real sentido da educação e dos educadores, nossa profissão está em questão movediça.” (Horizonte, 2025). E essa fala tem ligação direta com o pensamento de Saviani (2008), que dialoga sobre a valorização da docência estar diretamente vinculada ao projeto de sociedade em curso, e que somente uma mudança ideológica profunda, que resgate a centralidade da educação como direito social, pode alterar a percepção coletiva sobre o papel do professor.

Esse percurso narrativo da entrevista revela, em síntese, que os desafios dos professores no Brasil vão além daqueles enfrentados em sala de aula. Eles estão ligados a um sistema de formação, político e cultural que ainda não valoriza totalmente a complexidade, a importância e o papel central do trabalho dos professores na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das respostas do professor entrevistado, podemos perceber de fato um relato profundo no qual revela as tensões entre a formação docente e a realidade das escolas, deixando evidente os desafios históricos na valorização da profissão. A narrativa do colaborador destacou pontos importantes sobre o percurso formativo, profissional e ideológico, mostrando os obstáculos reais que os professores enfrentam no dia a dia escolar.

Esses relatos nos mostram claramente como a formação inicial ainda dedica grande parte do tempo a teorias que de certa maneira são distantes da prática, embora sejam relevantes para o processo de formação. Como o entrevistado mesmo afirma, houve pouca conexão entre os debates teóricos e o contexto real da Educação Básica, o que dificultou bastante quando chegou à sala de aula. Isso só confirma o que autores como Pimenta, Tardif, Imbernón e Gatti já discutiam sobre existir uma distância real entre o que se aprende na





universidade e o que se vive na escola, e isso continua sendo um forte agravante na formação de professores.

Com tudo que foi analisado ao longo deste trabalho, podemos concluir que os objetivos propostos foram alcançados, pois, o objetivo geral, compreender o processo de formação docente e como ele se relaciona com a prática profissional, especialmente nas tensões entre o que se ensina na universidade e o que se vive nas escolas, ficou bastante claro nas falas do professor entrevistado e também nos autores que dialogaram com essa realidade. A entrevista mostrou de forma precisa esse choque entre teoria e prática, que é tão presente na vida de quem está em sala de aula. E quanto aos objetivos específicos, evidencia-se o alcance efetivo de cada um dos aspectos propostos. O primeiro, que busca entender como a formação inicial se conecta com o trabalho e com a valorização da docência, foi trabalhado quando o professor falou sobre o quanto se sentiu despreparado para atuar, mesmo após anos de estudo. Isso mostrou que, muitas vezes, a formação não conversa com os desafios reais da profissão. O segundo objetivo, analisar as contradições entre a teoria e o cotidiano escolar, apareceu de forma muito clara nos relatos sobre as dificuldades em aplicar o que se aprendeu na Universidade e no dia a dia com os (as) alunos (as). Essa parte trouxe reflexões importantes sobre o quanto ainda precisamos repensar os cursos de licenciatura. E por fim, o terceiro objetivo, como base em refletir sobre os desafios para a valorização docente, que também foi contemplado quando o professor falou abertamente sobre as condições precárias de trabalho, a falta de reconhecimento da sociedade e a importância de pensar a valorização para além do discurso, começando por uma remuneração justa.

No que diz respeito sobre formação continuada, o que mais chama atenção foi que o professor destacou que ele acabou repetindo os mesmos problemas da formação inicial, ou seja, continuou distante da prática real da sala de aula. O que nos mostra que a desconexão entre teoria e prática não se resolve com o tempo, se a formação continuar presa a uma lógica acadêmica muito afastada da realidade. Mas, algo que também se mostra importante foi quando ele relatou que, por já estar envolvido com a pesquisa e por estudar a própria prática, conseguiu encontrar caminhos para crescer profissionalmente. Isso nos fez perceber que, muitas vezes, o próprio professor precisa buscar alternativas para enfrentar essas lacunas da formação e se manter firme na profissão.

Além disso, os desafios do dia a dia na escola, como salas lotadas, falta de estrutura, muitas tarefas extras para os professores e o desânimo dos alunos, são só algumas causas da desvalorização dos professores. Esses problemas prejudicam a saúde mental dos docentes e dificultam seu trabalho. Esses são pontos que ficaram evidentes durante a entrevista, que não





se pode falar em valorização do professor sem falar das condições reais de trabalho. Quando o docente fala que valorização começa pelo salário, sua colocação é totalmente pertinente, não se pode romantizar a profissão como se fosse só vocação ou missão, sendo que, na prática, faltam plano de carreira, boa remuneração e estrutura para ensinar. Isso nos fez refletir que, para ter um ensino de qualidade, o trabalho do professor também precisa ser de qualidade, precisa ter respeito, reconhecimento e apoio político e social. Afinal, ser professor é uma profissão como as demais (ou até a mais importante já que é responsável por criar outras profissões) com direitos que precisam ser garantidos.

Diante disso, sobre o reconhecimento da profissão, o docente é claro ao dizer que a sociedade ainda não valoriza o trabalho dos professores e que mudanças são necessárias. Logo, a valorização dos professores necessita de um projeto de sociedade que veja a educação como um direito fundamental.

Por fim, fica claro que os objetivos do trabalho foram alcançados e que essa análise contribui para uma compreensão mais crítica, realista e sensível sobre a formação e a valorização docente no Brasil, assim como o desenvolvimento da temática para possíveis discussões futuras.

De maneira geral, a pesquisa mostra que os desafios dos professores no Brasil não se limitam ao que acontece dentro da sala de aula. Eles estão ligados a um sistema de formação, político e cultural que ainda não reconhece totalmente a importância e a complexidade do trabalho docente. Por isso, é urgente repensar essa formação dos (as) professores (as) e a forma como eles (as) são valorizados, passando a buscar uma maior conexão entre o que se aprende na teoria e o que se faz na prática. Buscar trabalhar a realidade é continuar lutando por esse desafio de reconhecimento social.

## REFERÊNCIAS

CALDAS, Iandra Fernandes. **História da profissão docente no Brasil: debates e representações**. E-book VII CONEDU 2021 - Vol 02. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

CALDAS, Iandra Fernandes. **No tear do tempo, tecer memórias, (re) contar histórias de professores aposentados do curso de pedagogia da UERN de Pau dos Perros**. 2021. 294 f. Tese (Doutorado em letras) -, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021b.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. de S. (Orgs.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.





GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2000.

MISUKAMI, Maria G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1996.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil. Porto: Porto Editora, 1999.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente: identidade e saberes da docência**. São Paulo: Cortez, 1999.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

